# Texto 4

## Aprender a Ver: a essência do design da iluminação

Howard M. Brandston[1]

## Prefácio

[...]

Muitos livros oferecem parâmetros para o design de iluminação e a maioria aborda com profundidade todos os componentes técnicos relativos à luz e à iluminação. Mas será suficiente? Isso é como ensinar um cirurgião a utilizar de modo mais eficaz os bisturis e grampos, mas não ensinar-lhe anatomia e fisiologia. A anatomia e a fisiologia da vida no ambiente construído servirão como um modelo filosófico para qualquer contribuição que este livro possa dar a literatura sobre luz e iluminação. A finalidade básica da luz e sua aplicação serão aqui apresentadas num contexto holístico – o da própria vida.

Nunca trabalhei sujeito a regras, recomendações e cálculos. Pelo contrário, evitava esses métodos e me subordinava a experiências reais dignas de influenciar as decisões da minha vida e dos meus projetos. Inspirado por cientistas e sábios no universo da física, visão, arte e humanidade, vivi e atuei através dos meus sentidos, constantemente vendo, tocando e investigando. Pergunte a qualquer dos meus alunos. Eram raras as aulas em que eu não provocava alguém com alguma questão, ou sorria e dizia: *"é sobre isso que você precisa pensar"*. Críticas, nas minhas aulas de ateliê, algumas vezes resultavam em lágrimas, ou em olhares irados, quando eu fazia perguntas "pesadas". Eu não os deixava "sair pela tangente", com respostas evasivas ou soluções vulgares. Se eles vinham com tais respostas ou soluções, era porque não tinham se dado ao trabalho de "ver", não tinham permitido a si próprios usarem todos os seus sentidos para entenderem o problema tão bem, de modo que uma solução extraordinária surgisse naturalmente. Assim, eu os questionava, estimulava, e cobrava. Alguns aprenderam a pensar, enquanto outros continuaram a se fiar em fórmulas e a não se atreverem em ir além disso. Minha esperança é de que, agora, anos depois, ao se depararem com quaisquer problemas em suas vidas, eles possam, de repente, sentir meus "empurrões" sorrir, e perceber que eu estava tentado fazê-los chegar a um porto seguro. Mas mesmo aqueles que nunca aceitaram meus estímulos jamais poderão dizer que eu não repetia insistentemente: "O que é você deseja ver?".

[...]

---

[1] BRANDSTON, Howard M. Aprender a Ver: a essência do design da iluminação. Tradução Paulo Sergio Scarazzato. – 1.ed. – São Paulo: De Maio, 2010.

# Apresentação

[...]

É uma pena que não se ensina nas escolas a maior parte das qualidades autênticas das crianças, ainda ausentes em muitos adultos por estarem eles, muitas vezes, esgotados pelos estresses da vida. Ao invés de causar temor, nossas aventuras diárias deveriam ser um festival de maravilhas....

Percebemos, reconhecemos e compreendemos estímulos. Mas como administramos e expressamos o que vemos? Estas páginas trabalham com a iluminação, a aplicação da luz, meramente como uma abordagem para estimular a habilidade de "aprender a ver", para que não desperdicemos um raro presente. Elas buscam encorajar a confiança na nossa aceitação acerca do que vemos.

Quando Prometeu nos entregou o presente do fogo divino em nossas cavernas escuras, o fogo que ele tinha roubado de Zeus, foi como se ele nos tivesse dado a lâmpada de Aladim um presente de pura mágica, que nos habilita ver qualquer coisa que desejemos e muito mais. Inventividade, produtividade e respeito pelos deuses imortais abundaram; a cultura desenvolveu-se rapidamente. Até agora nós, simples mortais, temos usado pouco a essência de tal presente, temos tirado pouca vantagem do poder que a luz propicia. Parece que ainda mal percebemos sua grandeza. Mesmo no universo da ciência, a luz é um paradoxo: enquanto as ondas sonoras precisam do ar e as ondas do mar precisam da água, as ondas luminosas podem viajar no vácuo. Mas os humanos não vivem no vácuo. Nós interagimos, tocamos, sentimos, saboreamos e, se formos afortunados, vemos sem esforço - uma sensação natural. Será que nos damos conta, entretanto, de como vemos, quais mecanismos precisam funcionar e que sistemas têm que se interligar para registrar o que nossos olhos captam?

O que cada um de nós vê não é simplesmente o resultado de um processo mecânico, mas aquela coisa embutida em nosso cérebro, aquela visão que nossa mente constrói, traçada a partir de um registro da memória, de uma sensação vivida, de um aroma detectado - isso é complexo, algumas vezes indefinível, mas que traduz o que vemos. Um sistema abrangente, formado por componentes fisiológicos, psicológicos, cognitivos e emocionais, que alimenta a percepção.

No mundo da ciência, há pessoas que conseguem ver sem quaisquer dados, bem como aquelas que não conseguem ver se não tiverem os dados. Ambas são valiosas para que você possa conhecer alguma coisa, mas se a ciência a comprovar, você poderá conhecê-la objetivamente. É necessário balancear a subjetividade que identifica o mundo da arte, saber reconhecer e diferenciar ciência e arte, condição necessária para elevar o padrão daqueles dois universos. Há um vasto corpo de conhecimento sobre os olhos, o cérebro, o sistema visual, inclusive os relativos à apreciação da visão como um dom [...].

No início do Século XVIII, Sir Isaac Newton iniciou o estudo científico da visão de cores, posteriormente desenvolvido por Young e Helmholtz no início do Século XIX. Quantos de nós sabemos que a cor - que embora seja um fenômeno complexo se apresenta como simples - desenvolveu-se em função de algum propósito evolutivo para nos ajudar a reconhecer que

partes do mundo permanecem juntas?

A habilidade de avaliar a luz de alguma maneira beneficiará a todos, tanto aqueles que a amam, como aqueles que têm apenas um conhecimento superficial sobre ela, adquirido em função, por exemplo, de uma experiência simples como a de remodelar a iluminação de sua garagem ou de seu escritório. Quando você caminhar por uma sala, deve se perguntar: *"Se eu pudesse mudar qualquer coisa neste espaço, o que seria?"*. Se isso não alcançar os resultados esperados, parta para o item seguinte da lista. O estímulo deriva da experiência, sempre individual, subjetiva. O que uma pessoa vê como necessidade de mudança, será completamente diferente da avaliação de outra pessoa. "Há uma inevitável divergência, atribuída às imperfeições da mente humana, entre o mundo como ele é e o mundo como o homem o percebe" (James William Fulbright, Fala no Senado; 27 de março de 1964).

[...]

## Introdução

Design implica propósito e intenção. A expressão tem uma conotação forte, que transcende o conceito de desenho como expressão gráfica. O dicionário Oxford define um designer como alguém que cria um desenho ou um esquema. Neste sentido, não somos, então, todos nós, designers? Desenhamos os minutos dos nossos dias, os dias das nossas semanas. Desenhamos nossos carros, nossas casas, nossos guarda-roupas, nossas paisagens. Expressamos nossas personalidades através das cores que vestimos, da escolha dos tecidos com os quais fazemos nossas cortinas, pela maneira como conduzimos o tronco da trepadeira que emoldura nosso portão, e um sem número de outras atitudes. A maneira como desenhamos nossas vidas cria uma imagem que é percebida e, muitas vezes, julgada pelos outros. Podemos ajustar tal imagem considerando quatro elementos que se integram na execução dos nossos desenhos: aprender a ver, assumir responsabilidade, criatividade e comunicação. A integração desses quatro elementos é que nos guiará de volta à arte do pensar, uma espécie de despertar abrupto que nos força a refletir sobre nossas vidas e perguntar: *"Onde estou? O que estou fazendo? Como estou fazendo? O que estou fazendo tem algum valor?"*

### *Aprender a ver*

*"Pela sutil utilização de luz, e sem alterar tanto como uma palavra do texto do dramaturgo,*
*é possível, por vezes, mudar completamente*
*a impressão de toda uma cena".*

Theatre Lighting, Louis Hartmann

Minha iniciação na iluminação começou no teatro em Nova Iorque, na década de 1950, com aquele que talvez tenha sido o grande mentor da iluminação como arte, Stanley McCandless (1897-1967). A lâmpada elétrica de Edison estava no mercado havia apenas 18 anos quando McCandless nasceu; quando ele morreu, quase todas as fontes de luz que temos hoje já haviam sido desenvolvidas, desde as lâmpadas de descarga aos diodos emissores de luz (LEDs). Na realidade, pode-se dizer que McCandless cresceu junto com a indústria de lâmpadas, ou vice-versa. Ele absorveu a ciência da luz e a converteu em arte através dos palcos dos teatros e da

arquitetura. O conhecimento dos artistas da luz é proveniente de uma experiência cotidiana e pura emoção. As pessoas que começaram na iluminação cênica não estão presas a regras e cálculos, porque tiveram que aprender maneiras de comunicar a emoção dos atores ou as características peculiares das próprias cenas. Os aspectos técnicos são usados por elas somente para representar as emoções que querem passar à plateia.

A mais simples característica definidora da iluminação, mas talvez o seu maior mistério, é "o processo de aprender a ver". Aprender a ver significa registrar mentalmente as causas de nossas emoções ou reações em resposta à experiência da cena que estamos vendo. É imprescindível que sejamos capazes de ver o que estamos olhando - para apreciar, relembrar, registrar. Para compreender qualquer cena visual e a emoção que ela evoca, deve-se fazer mais do que apenas olhar. É preciso compreender o contexto da vida em que ela se encaixa, a influência da cultura, a importância dos aspectos demográficos e da resposta humana em função da sua escala. Contexto, cultura, aspectos demográficos, escala - esses pontos são essenciais para compreender como as pessoas respondem ao espaço, mas não são (nem poderiam ser) ensinados na prática.

Não se pode pensar em coisa alguma sobre a qual não se conheça nada a respeito. Antes, é necessário ser iniciado e treinado. Um músico pensa numa música e escreve uma partitura. Para desenvolver um projeto de iluminação, primeiro é necessário aprender a ver. O processo de construção de um banco de memórias de ambientes luminosos vivenciados na vida real, que possa ser utilizado em qualquer projeto que venha a ser desenvolvido, é fundamental no aprendizado do ver.

*Assumir Responsabilidade*

*"Uma fé tola na autoridade é a primeira inimiga da verdade"*

Albert Einstein

O verdadeiro significado do que seja assumir responsabilidade tem eco nas palavras do dramaturgo do século XVIII Richard Brinsley Sheridan, que disse: "O peso que cabe à universidade é aumentar o número daqueles que estão dispostos a se submeter ao cansaço de julgar por si próprios". Para sermos responsáveis, primeiro temos de ser responsáveis por nós mesmos - isto exclui qualquer preguiça ou falta de responsabilidade. Em outras palavras, impõe o exercício diário da ética.

Pessoalmente, temos consciência do conhecimento acumulado a cada nova experiência? Estamos sempre aprendendo a ver - intelectualmente, artisticamente, emocionalmente fisicamente - para acrescentar esse aprendizado aos nossos bancos sensoriais e de memória? Como designers da vida somos responsáveis pela sua qualidade, para o nosso deleite. Somos responsáveis por prover criatividade - por fornecer soluções únicas para nós mesmos, para nossos colegas e para nossos clientes. Nosso êxito dependerá de quão criativas elas forem. Uma regra simples pode ser perguntar a nós mesmos: "Já vi isso antes? Há algum benefício em fazer algo novo e criativo?" Profissionalmente, formamos relações com as pessoas; somos responsáveis por comunicar com clareza nossa visão a elas e, em última instância, por utilizar nossos conhecimentos para deixar nossos clientes satisfeitos. Quando nosso trabalho se referir

à construção de edifícios, será necessário ter bons conhecimentos sobre códigos de edificações e outras normas edilícias, bem como sobre tudo o que se relacionar à boa prática, para sermos capazes de decidir quando não devemos segui-los. Pense nisso: as notas num piano estão sempre na mesma ordem, começando com o DÓ, independentemente de se tratar de um piano de armário, de um piano de cauda ou de um órgão. Seja qual for o instrumento, cada músico enfrenta a mesma configuração de notas. Algumas leis são imutáveis. Alguns músicos, criativos.

As fugas de Bach ilustram muito bem o que estou dizendo. As fugas são consideradas a mais rígida e estritamente definida forma musical. Mas mesmo sujeito a tais parâmetros, Bach produziu um magnífico conjunto daquele tipo de composição. Ele escreveu as fugas respeitando as regras que lhes são próprias em cada oitava, maior ou menor, como que a mostrar o que poderia ser feito de acordo com os padrões estabelecidos. Ele estava, ao mesmo tempo, sendo fiel às regras e à sua genialidade. Bach era responsável.

Nunca me senti tão responsável até a metade da década de 1980, quando fui presenteado com um dos mais estimulantes projetos da minha carreira - o contrato para criar a nova iluminação para uma mulher notável, por ocasião de seu centésimo aniversário. A senhora em questão tinha pele verde, uma coroa pontiaguda em sua cabeça, e media mais de trinta metros da cabeça aos pés. Tratava-se da Estátua da Liberdade. Significava um enorme desafio, que me fez sentir ao mesmo tempo honrado e constrangido. Mas, acima de tudo, senti-me responsável.

Eu era o responsável por aquele trabalho perante o Comitê Franco-Americano para a Estátua da Liberdade e os arquitetos responsáveis pela obra de restauro, que haviam me contratado. Senti uma enorme responsabilidade para com a própria "grande dama", para com cada um dos 250 milhões de habitantes dos EUA, bem como para com milhões de outras pessoas pelo mundo afora que a admiram pela liberdade que ela representa. Suportar responsabilidade rende grandes recompensas.

*Criatividade*

*"Pensamento criativo pode significar simplesmente a percepção de que não há virtude alguma em fazer as coisas sempre da mesma maneira"*

Rudolph Flesch

A maior contribuição que uma pessoa pode oferecer a si mesma ou a seu círculo de amigos é a criatividade, a originalidade, ainda que isso signifique ruptura com o conhecimento convencional. Para conseguir isso, você precisa estar livre. Liberte-se de suas inibições. Certa vez eu disse a uma aluna que estava refém de seu medo de desenhar: "Seus dedos estão amarrados. Simplesmente desenhe. O papel não vai te morder!". Eu penso que trabalhamos sujeitos a muitas regras e restrições, quase sempre autoimpostas. Quando apenas seguimos regras, não podemos ser responsabilizados por nada. As regras são substitutas do pensar!

Que tipo de vida você deseja levar? Sejam quais forem as circunstâncias - escrevendo um ensaio, projetando um teatro ou iluminando um hospital, ponte ou edifício de escritórios, seu próprio escritório ou casa - aborde o trabalho como se você nunca tivesse feito nada parecido

antes. Como se ninguém tivesse feito nada parecido antes porque, na verdade, ninguém o fez. De acordo com esse raciocínio, não havendo duas coisas idênticas, tanto as soluções encontradas como suas respectivas avaliações não podem ser as mesmas. Como designer de sua própria vida, não é a criatividade uma exigência? Você suportará o peso de um pensamento original? Ao considerar cada parte de cada projeto em sua vida como peça única de um quebra-cabeça, você terá escolhido a parte mais difícil. Terá escolhido a originalidade, e não a conformidade. Deixe a originalidade ser seu manto. Quando caminhar apressadamente entre a multidão, esteja decidido a fazê-lo. Quando estiver numa escada rolante, assimile seu entorno. Quando seu carro estiver parado no semáforo vermelho, faça uma leitura atenta da cena. As pessoas o reconhecerão em função de seu estilo diferenciado. Você é um constante observador, sempre aprendendo a ver, aperfeiçoando suas habilidades.

Você se contentaria com menos?

*Comunicação*

*"A real viagem do descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter um novo olhar"*

Marcel Proust

Cada novo projeto é uma descoberta. Certa vez, um cliente me fez a seguinte observação: "O lugar parece exatamente como você disse que seria". Ele viu o que eu desejava que ele visse, e assim foi capaz de ter uma compreensão tão profunda que lhe permitiu liberar sua visão e percepção, liberação esta que pode ser ampliada para outros aspectos da vida; como você pode se deixar impressionar pelos azuis e escarlates da chama de uma vela em um desenho se a imagem não estiver bem viva em sua mente? Como pode descrever o candelabro de vidro Tiffany sobre sua mesa "costumeira" no bistrô do bairro se você nunca prestou atenção nele durante suas visitas semanais às sextas-feiras à noite?

...

Em 1995 fui a uma tarde de apresentação de poesias e ensaios apresentados por adultos recém-alfabetizados da primeira turma formada pelos "Voluntários de Alfabetização da Cidade de Nova Iorque" (*The Literacy Volunteers of New York City* – LVNYC). Ouvi daqueles poetas e ensaístas, criações que vieram de mentes de pessoas que não possuíam a maior parte dos recursos que a maioria de nós possui – a habilidade de ler, escrever, falar bem, resolver problemas, comunicar, analisar, debater. Mas quando aquelas pessoas leram seus trabalhos, revelaram alguma coisa que transcendia tais recursos – tinham inteligência, significado, ideias maravilhosas. E as expressavam com uma emoção tão dinâmica que era difícil mensurar. Elas não escreveram com refinamento gramatical, nem falaram com dicção perfeita, mas suas mensagens alcançaram uma perfeição que comunicou suas experiências. Suas palavras também deixaram claro suas frustrações por terem deixado toda aquela criatividade enclausurada durante metade de suas vidas adultas, bloqueada por falta de ferramentas. Eram pessoas que talvez por 25 a 40 anos tenham levado suas vidas humildemente como

empregados, pais e mesmo empreendedores, sem terem tido a oportunidade de ler um sinal de trânsito ou a manchete de um jornal. Meus olhos marejaram: lágrimas de alegria por eles.

Não tendo as ferramentas que nós – os privilegiados, os instruídos – temos à nossa disposição o tempo todo, esses novos autores foram capazes de perceber o que estava em suas mentes usando a ferramenta de comunicação que eles melhor conheciam: pura emoção.

Ao desenhar, falar e escrever nossas ideias aumentamos nossas chances de comunicá-las com clareza. Entrelaçando os elementos um por um – "aprendendo a ver", "assumindo responsabilidades", "sendo criativo", "comunicando com clareza" - e, consequentemente, aprendendo como ver, você terá maior desenvoltura em suas comunicações, uma qualidade que tem um impacto significativo não apenas na impressão dos outros a seu respeito, mas na sua percepção sobre si mesmo.